

APRESENTAÇÃO

O número 14 da Revista Interfaces do Centro de Letras e Artes da UFRJ inaugura uma nova etapa de seu percurso, com uma proposta e um projeto gráfico renovados. Neste número, reunimos trabalhos que trazem uma reflexão original sobre novos objetos de pesquisa no campo de Letras e Artes, com leituras interdisciplinares, que circulam entre os domínios da literatura, da estética, da filosofia, da história e das ciências humanas. Os pesquisadores interrogam a poesia, a escultura, o cinema, a história e as histórias em quadrinhos, assim como nossa imagem nas artes visuais brasileiras, e conferem ao tradutor-jornalista e ao profissional do *Design* um papel de mediador cultural.

Os ensaios “Leopardi, il mare, il *dolce naufragar*. Appunti per una semantica dell’ *Infinito*”, e “Proust e sua visão de Ruskin: tradução e revelação da passagem entre *les deux côtés*” exploram os caminhos modernos da criação poética, sugerindo uma leitura original das metáforas do espaço em Leopardi, Proust e Ruskin. Marilena Giammarco nos convida a uma travessia do mar Adriático, reconfigurado poeticamente na “língua espacial” de Leopardi em *L’Infinito*, enquanto Luciana Persice Nogueira analisa a visualidade gótica da poesia da memória que confere uma arquitetura de catedral à obra proustiana *Em busca do tempo perdido*.

A força plástica das artes visuais é central nos ensaios que interrogam novas linguagens na literatura e nas artes contemporâneas. Angela Guida, em “Olhar: uma via de mão dupla”, contrapõe peças minimalistas às figuras de cera de Duane Hanson, em uma releitura das teorias de Georges Didi-Huberman e uma reflexão sobre o vazio e a perda na contemplação das obras de arte. Geysa Silva, em “Religiosidade e violência nas HQ finisseculares”, discute o entrelugar literário e os processos narrativos das HQ. Paulo Henrique da Silva Gregório e Ilza Matias de Sousa, em “Lewis Carroll in Tim Burton’s land: an analysis of *Alice in Wonderland*”, recusam ver o filme de Tim Burton apenas como uma adaptação cinematográfica de *Alice no país das maravilhas*, enquanto Fabiana Abi Rachid de Almeida e Suzi Frankl Sperber, em “André e Ana: uma perspectiva sobre o incesto em *Lavoura Arcaica*, romance e filme”, trazem uma leitura intersemiótica dos diversos modos de simbolização do incesto, no romance de Raduan Nassar e no filme *Lavoura Arcaica*.

Um dos capítulos da fundação da cidade do Rio de Janeiro nos é contado por Cristina Grafanassi Tranjan em “A fábrica de pólvora e o Jardim Botânico no Rio de Janeiro”. Ao rememorar a história do Jardim Botânico, que se confunde com

a da cidade do Rio de Janeiro alçada a sede da Corte de Portugal, a pesquisadora evoca a origem de nomes de logradouros de nossa cidade como a Lagoa Rodrigo de Freitas, a rua Faro ou o Parque Lage, e espaços de nosso imaginário carioca, como os jardins, chácaras e mansões de Botafogo ou os arrabaldes chamados Copacabana. Ora, as plantas exóticas, o solo fértil, a exuberância do Jardim Botânico e da natureza brasileira, da qual o índio faria parte, compõem, entre outros, os temas exóticos ou pitorescos prediletos de uma “tradição descritiva” que, para Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista, em “A tendência descritiva nas artes visuais brasileiras: um estudo comparativo entre a pintura, a fotografia e a literatura”, manifesta a incorporação, no discurso cultural brasileiro, do olhar estrangeiro. Questão ainda não resolvida quando se discute a identidade cultural brasileira, em uma perspectiva pós-colonial, e que, transposta para o universo cultural canadense, atravessa, igualmente, o ensaio de Vanessa Massoni da Rocha, “Pontos de fuga entre Literatura e reescrita da História”. Ao comentar o romance *Cantique des plaines*, da escritora canadense Nancy Huston, que traz uma versão ameríndia da história oficial do Canadá, a autora do ensaio reflete sobre o encontro de duas culturas, a fricção entre a história oficial e a “história vista de baixo”, as fontes escritas e orais, assim como os traços fabulatórios dos registros históricos.

Objetos de estudo que pressupõem a mediação entre ambientes culturais distintos, seja no campo do *Design*, seja na interface tradução-jornalismo, constituem o cerne dos ensaios “Conhecimentos autônomos em *Design*: assimetrias de um campo de ação” de Beany Guimarães Monteiro e “Transversalidade e novos olhares em tradução: a interface tradução-jornalismo e a dinâmica da tradução como representação cultural” de Meta Elisabeth Zipser, Maria José Damiani Costa, Silvana Ayub Polchlopek e Hutan do Céu de Almeida. Para Beany Guimarães Monteiro, o *designer* tem um papel de mediador, de tradutor de demandas, em processos de *co-design*, que contribuem para inovações sociais. Os pesquisadores do grupo TRAC (tradução e cultura) da UFSC propõem um novo conceito de tradução, vinculado à análise das implicações culturais do ofício do tradutor. Só podemos subscrever à afirmação dos autores, quando estes afirmam que “a prática da pesquisa acadêmica conduz a um olhar, inevitavelmente, transversal.”

Reafirmamos, deste modo, ao publicar estes ensaios sobre o tema *Pontos de fuga & Transversalidades*, nosso empenho para reunir pesquisadores e acolher colaborações das áreas de artes, letras e humanidades oriundas de diversos horizontes institucionais, desejando que se encontrem, ao responder aos desafios contemporâneos da pesquisa, em nosso campo de atuação.

Os Editores